



PROMOVENDO MODA E A MOÇAMBIKANIDADE

Fancy Africa assinala 10 anos com aposta na economia criativa e internacionalização

PÁGINA 07

ANUNCIE A SUA MARCA CONNOSCO
CONTACTE A DIRECÇÃO COMERCIAL
+258 84 983 3332

Moçambique incluído na estratégia da Índia para alcançar o Viksit Bharat 2047

Nova Deli pretende transformar a Índia numa nação desenvolvida até 2047, com a cooperação internacional a assumir um papel importante na concretização desta visão.

POR: A.A



bilaterais apresentam perspectivas positivas e deverão continuar a fortalecer-se.

“As nossas expectativas são realistas. As lideranças dos nossos países caminham de mãos dadas. As nossas relações evoluem em todos os aspectos e continuarão a evoluir, tornando-se cada vez mais fortes”, afirmou Robert Shetkintong.

As relações de cooperação entre Moçambique e a Índia remontam a 1975, ano da independência de Moçambique, e abrangem diferentes áreas de interesse comum.

A iniciativa Viksit Bharat estabelece 2047 como horizonte para a concretização da visão de uma Índia desenvolvida. Neste percurso, a cooperação internacional constitui uma das vias para mobilizar parcerias e oportunidades que contribuam para a realização desse objectivo.

A Índia considera Moçambique um parceiro estratégico na concretização da sua visão de desenvolvimento até 2047, no âmbito da iniciativa Viksit Bharat, expressão que significa “Índia desenvolvida”.

A comunidade indiana residente em Maputo destaca a importância das relações entre os dois países no quadro desta agenda, que visa transformar a Índia numa nação desenvolvida até 2047.

A iniciativa Viksit Bharat é uma das principais orientações do Governo indiano para promover a unidade nacional e impulsionar acções destinadas ao crescimento e ao progresso económico do país.

No âmbito desta estratégia, a diplomacia e a cooperação internacional assumem um papel importante. É neste contexto que Moçambique é apontado como um dos parceiros da Índia, ten-

do em conta as relações de cooperação existen-

tes entre os dois países.

O Alto-Comissá-

rio indiano designado para Moçambique, Ro-

bert Shetkintong, considera que as relações



CHAPO E A GOVERNAÇÃO DE PROXIMIDADE NA PRÁTICA:

Ministro da Saúde presta assistência a uma passageira em missão internacional para Nova Iorque



POR: A.A

Na recente viagem para Nova Iorque, o Ministro da Saúde, Ussene Isse, prestou assistência a uma passageira e controlou uma hemorragia nasal. A caminho de uma missão internacional, encontrou uma pessoa que precisava de cuidados e respondeu como médico. O episódio ajuda a perceber o valor de uma escolha política: colocar à frente da Saúde alguém que continua disponível para exercer a profissão e atender quem precisa.

Esta disponibilidade já tinha expressão nos hospitais moçambicanos. Em Setembro, depois do Conselho Coordenador de Saúde na Beira, Isse juntou-se à equipa do Hospital Central e liderou seis cirurgias. Observou os doentes antes das intervenções e regressou para acompanhar a recuperação de uma paciente. A missão incluiu também a partilha de conhecimentos com médicos residentes, deixando à equipa local mais do que uma visita ministerial.

Em Agosto, nos dias em que Chimoio acolheu a Conferência Nacional de Quadros da Frelimo, houve igualmente trabalho no hospital. A campanha cirúrgica dirigida pelo ministro reuniu uma equipa de 22 profissionais e previu intervenções em 11 doentes, incluindo cinco casos de elevada complexidade. A assistência especializada na própria província procurava reduzir transferências e despesas de deslocação, ao mesmo tempo que reforçava a formação dos profissionais locais.

Já em Lichinga, no início de 2025, Isse defendeu o reforço dos hospitais provinciais com especialistas e comprometera-se a regressar para participar numa cirurgia complexa. O propósito era claro: permitir que os doentes fossem tratados mais perto de casa, com o apoio das suas famílias. Entre esse compromisso e

as intervenções documentadas na Beira e em Chimoio, reconhece-se uma orientação coerente para aproximar os cuidados de quem deles necessita.

É aqui que o mérito de Daniel Chapo deve ser reconhecido. Na Beira, o próprio ministro explicou que estas missões correspondiam à orientação presidencial de implementar uma agenda de saúde próxima do povo. Em Chimoio, associou as campanhas cirúrgicas ao método de governação de Chapo. A ligação entre a orientação política e o trabalho no terreno foi, portanto, assumida por quem tem a responsabilidade de a executar.

A intervenção a bordo acrescenta a estes antecedentes um gesto de disponibilidade pessoal. O cargo de ministro não afastou o médico do dever de assistir. Essa forma de estar dá expressão humana à proximidade que o Presidente defende e mostra por que razão a escolha dos seus colaboradores importa. Uma orientação de governo ganha credibilidade quando encontra dirigentes capazes de a traduzir em serviço concreto.

O Presidente Chapo está de parabéns por esta escolha e pela orientação que estes actos concretizam. O reconhecimento devido ao médico estende-se à liderança que lhe confiou a responsabilidade de dirigir o sector. É deste sentido de serviço que a governação de proximidade precisa: competência colocada ao alcance das pessoas e dirigentes que fazem da sua função uma responsabilidade perante elas.



Victor Luís Timóteo aponta abastecimento e reservas estratégicas como prioridades



POR: A.A

Victor Luís Timóteo tomou posse, hoje, como Presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Aquisição de Produtos Petrolíferos, EP, assumindo como principais desafios garantir o abastecimento sustentável de combustíveis no país e criar reservas estratégicas para fazer face às oscilações dos preços no mercado internacional.

Falando após a cerimónia de tomada de posse, dirigida pela Primeira-Ministra, Maria Benvinda Levi, Timóteo afirmou que a sua missão passa, sobretudo, por assegurar que o abastecimento de produtos petrolíferos em Moçambique decorra de forma regular e sem interrupções

“Os desafios são aqueles que a Primeira-Ministra falou primeiro: fazer de tudo para que o abastecimento de produtos petrolíferos em Moçambique ocorra de uma forma sustentável, normal e sem interrupções”, afirmou.

O novo Presidente do Conselho de Administração apontou igualmente a criação



de reservas estratégicas como uma das prioridades da sua gestão. Segundo explicou, estas reservas poderão ajudar o país a responder a eventuais oscilações dos preços dos combustíveis e a minimizar os impactos de crises no mercado internacional.

“Temos também o desafio de criar reservas estratégicas para poder resolver problemas de oscilação de preços. Como

sabem, o mundo enfrenta grandes desafios com as guerras que temos, e os preços dos combustíveis têm vindo a subir”, disse.

Para Timóteo, a existência de reservas estratégicas permitirá reduzir, em determinados momentos, os efeitos das perturbações externas sobre os consumidores moçambicanos.

“Se tivermos uma reserva estratégica, podemos, entretanto, ir minimizando o sofrimento do nosso povo”, acrescentou.

A cerimónia de tomada de posse contou com a presença da Primeira-Ministra, Maria Benvinda Levi, que dirigiu o acto.

Na mesma ocasião, tomaram posse outros dirigentes, entre eles o Director-Geral da Escola de Governação, o Director-Geral Adjunto para a área de Formação e Aperfeiçoamento Profissional da Escola de Governação e o Presidente da Comissão Executiva da Agência de Desenvolvimento Integrado do Sul (ADISUL).

ADISUL quer acelerar investimento e desenvolvimento económico no Sul



POR:A.A

Aderito Mavie assume liderança da Agência de Desenvolvimento Integrado do Sul com a missão de mobilizar o sector privado, dinamizar as PME e transformar as potencialidades de Maputo, Gaza e Inhambane em oportunidades de negócio.

A Agência de Desenvolvimento Integrado do Sul (ADISUL) entra numa nova fase com o desafio de acelerar o desenvolvimento económico das províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, através da mobilização de investimentos e do maior envolvimento do sector privado.

Aderito Mavie, que tomou posse hoje, em Maputo, como Presidente da Comissão Executiva da ADISUL, disse que a sua principal missão será materializar a estratégia do Governo de utilizar as agências de desenvolvimento como instrumentos para promover o crescimento económico integrado.

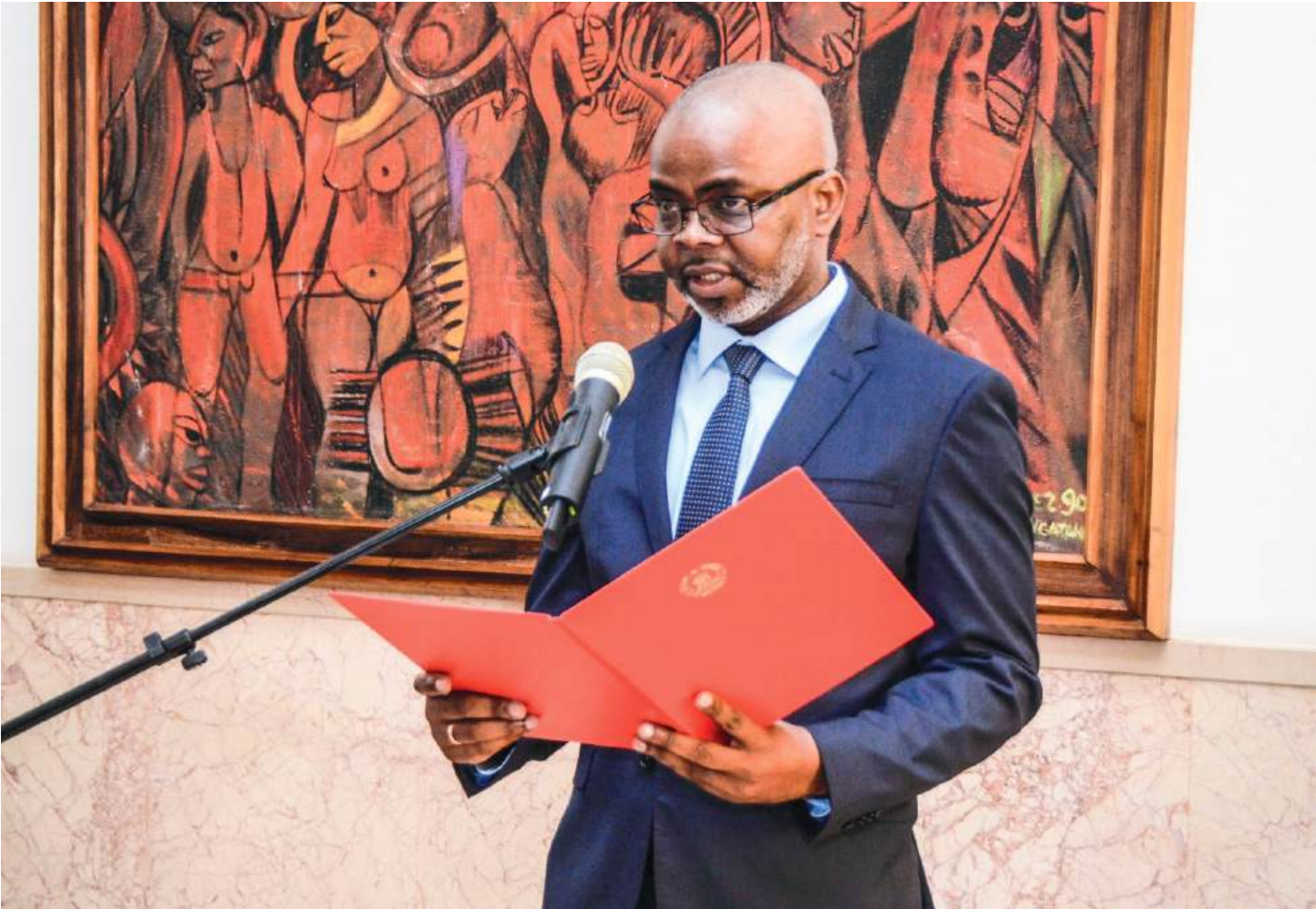
“A nossa tarefa é materializar esta visão estratégica do Governo de Moçambique de impulsionar o desenvolvimento usando as agências de desenvolvimento”, afirmou Mavie, após a cerimónia de tomada de posse, dirigida pela Primeira-Ministra, Maria Benvinda Levi.

Entre as prioridades apontadas pelo novo responsável está a mobilização dos diferentes actores económicos da região, com particular enfoque no sector privado e nas pequenas e médias empresas (PME). A aposta é criar condições para que estes segmentos possam explorar as potencialidades económicas já identificadas na região Sul.

Para Mavie, a estratégia deverá igualmente responder aos riscos climáticos que afectam ciclicamente a actividade económica, sobretudo os períodos de seca e cheias.

“Temos que mobilizar todos os actores que existem nesta região para aproveitarmos as potencialidades que já foram elencadas (...) e, mais do que isso, minimizarmos a exposição que esta região sofre ciclicamente com seca e cheia”, explicou.

O dirigente considera



que a primeira etapa será colocar a ADISUL mais próxima dos actores económicos e das oportunidades existentes no terreno, criando uma plataforma de articulação entre o Governo,

investidores, empresas e outros parceiros de desenvolvimento.

A nova liderança assume, assim, a responsabilidade de transformar recursos

e potencialidades regionais em projectos concretos, capazes de estimular a actividade empresarial e contribuir para uma economia regional mais integrada e resiliente.

Na mesma cerimónia, tomaram posse o Director-Geral da Escola de Governação e o Director-Geral Adjunto para a área de Formação e Aperfeiçoamento Profissional da instituição.



FINANÇAS ISLÂMICAS:

Janfar Abdulai propõe diversificação das fontes de financiamento à economia

Coautor da obra *Finanças Islâmicas* aponta a escassez de literatura em língua portuguesa como uma das motivações para a publicação do livro, apresentado esta quinta-feira.



POR:A.A



O economista e coautor da obra *Finanças Islâmicas*, Janfar Abdulai, defende a diversificação das fontes de financiamento à economia moçambicana, através da adopção de instrumentos alternativos que permitam ligar directamente o capital à actividade produtiva.

Falando esta quinta-feira, durante a apresentação da obra, em entrevista ao jornal Hora Certa News Moçambique, Abdulai apontou a escassez de literatura sobre Finanças Islâmicas em língua portuguesa como uma das principais motivações para a produção do livro.

Segundo o autor, esta limitação verifica-se tanto em Moçambique como nos restantes países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), apesar do crescimento das Finanças Islâmicas a nível internacional.

“Há uma certa limitação em termos de literatura que versa sobre o tema das Finanças Islâmicas, não só no país, mas em toda a comunidade da CPLP”, afirmou.

A apresentação da obra contou com a participação da Primeira-Ministra, Benvinda Levi, do presidente do Conselho de Administração do

Banco Nacional de Investimento (BNI), Omar Mithá, além de empresários e outros participantes.

A publicação procura contribuir para a divulgação do conhecimento sobre as Finanças Islâmicas em língua portuguesa, num contexto em que se defende a diversificação dos mecanismos de financiamento da economia moçambicana.



Fancy Africa assinala 10 anos com aposta na economia criativa e internacionalização



POR: A.A

FDEM defende maior profissionalização dos sectores criativos e destaca potencial da cultura como activo económico para Moçambique

O Fancy Africa iniciou oficialmente as celebrações dos seus 10 anos de existência, numa cerimónia que destacou o papel da moda, da cultura e das indústrias criativas na geração de emprego, negócios e oportunidades de internacionalização para Moçambique.

A iniciativa, que decorre sob o lema “Ubuntu – Temos História. Somos Cultura. Africa Rise.”, terá a sua programação principal entre 28 de Setembro e 3 de Outubro, em Maputo, reunindo designers, modelos, marcas, investidores, compradores e outros profissionais ligados à indústria criativa.

Na ocasião, o Presidente da Federação de Desenvolvimento Empresarial de Moçambique (FDEM), Lineu Candiero, destacou a importância da parceria entre a instituição e o Fancy Africa, considerando que a cultura deve ser entendida não apenas como espaço de expressão artística e preservação da identidade, mas também como um activo económico.

Segundo Candiero, as indústrias culturais e criativas constituem uma oportunidade para diversificar a economia e criar novas fontes de emprego, rendimento, inovação e empreendedorismo, sobretudo entre os jovens.

“A cultura é também um activo económico. É fonte de emprego, rendimento, inovação, empreendedorismo e projecção internacional de Moçambique”, afirmou.

O dirigente apontou a moda, o artesanato, o design, o audiovisual, a música

e a gastronomia como sectores capazes de gerar cadeias de valor que envolvem produtores, fornecedores, empresas, serviços, tecnologia, comércio e mercados.

Para a FDEM, a economia criativa não deve ser encarada como uma actividade isolada, uma vez que estabelece ligações com diferentes sectores da economia e pode criar oportunidades para empreendedores e empresas.

Neste contexto, a organização formalizou um Memorando com o Fancy Africa, com o objectivo de fortalecer a ligação entre criatividade e desenvolvimento empresarial. A parceria prevê iniciativas nas áreas de capacitação empresarial, digitalização, acesso ao financiamento, internacionalização, networking, turismo cultural e criativo e desenvolvimento de jovens empreendedores.

Candiero defendeu ainda a necessidade de criar condições para que o talento nacional se transforme em negócios sustentáveis e marcas competitivas.

“Não basta dizer que temos talento. Precisamos criar condições para que esse talento se transforme em negócios sustentáveis”, sublinhou.

O Presidente da FDEM considera que Moçambique dispõe de uma riqueza cultural e criativa com potencial para conquistar maior espaço nos mercados regionais e internacionais, mas reconhece que esse potencial exige organização, profissionalização, investimento, acesso aos mercados e estabelecimento de parcerias.

“A assinatura deste Memorando representa mais do que uma formalidade institucional. Representa um compromisso com os jovens, com o empreendedorismo, com a cultura, com a criação de emprego e com a internacionalização da capacidade criativa moçambicana”, afirmou.

Candiero manifestou igualmente a expectativa de que a próxima década do Fancy Africa seja marcada pelo surgimento de mais em-



presas criativas, marcas sustentáveis, empregos e negócios, bem como por uma maior presença de Moçambique nos mercados internacionais.

Dez anos de histórias e oportunidades

Por seu turno, King Levi, mentor do projecto Fancy Africa, destacou o percurso de uma década da iniciativa, afirmando que o projecto nasceu de uma convicção de que África tem histórias para contar e que Moçambique possui muito para mostrar ao mundo.

Segundo o mentor, ao longo dos últimos dez anos, o Fancy Africa acompanhou o crescimento de designers, o início

de carreiras de modelos, o surgimento de oportunidades para criativos e a criação de novas conexões dentro da indústria.

“Quando olho para trás, não vejo apenas desfiles. Vejo pessoas, vejo sonhos, vejo oportunidades e uma indústria a crescer”, afirmou King Levi.

O lançamento oficial do programa Fancy Africa 2026 marca, assim, o início das celebrações dos 10 anos da iniciativa, que pretende continuar a promover a moda, a cultura, o talento e a criatividade africana.

A edição deste ano contará com uma programação diversificada, incluindo o Fancy Africa Summit, masterclasses, Dia Cultural, Pop Store & Fashion Experience, desfiles internacionais e sessões de networking destinadas à criação de parcerias e à geração de oportunidades de negócio.

A celebração dos dez anos pretende, desta forma, assinalar não apenas o percurso do Fancy Africa, mas também reforçar a ligação entre criatividade, empreendedorismo e desenvolvimento económico, colocando os criadores moçambicanos em contacto com novas oportunidades dentro e fora do país.



Finanças islâmicas abrem novo debate sobre financiamento da economia moçambicana



POR: A.A

Instrumento financeiro apresentado em nova obra é apontado como uma alternativa para ampliar as fontes de financiamento às empresas e apoiar o desenvolvimento económico do país.

A introdução das finanças islâmicas no debate económico moçambicano poderá abrir novas possibilidades de financiamento para empresas e contribuir para a diversificação das fontes de capital disponíveis no país. A perspectiva foi defendida por Zeinul Ahmed, durante o lançamento da obra *Introdução às Finanças Islâmicas*, da autoria de Janfar Abdulai.

Para Ahmed, a publicação surge num momento relevante para Moçambique, ao colocar em discussão um modelo financeiro que, apesar de ainda ser pouco conhecido por uma parte da sociedade, pode representar uma alternativa para responder às necessidades de financiamento da economia.

“É uma obra de grande importância para o nosso país, porque acredito que vai trazer resultados positivos para a economia”, afirmou Ahmed, acrescentando que o livro procura também esclarecer dúvidas sobre os princípios e o funcionamento das finanças islâmicas.

Um dos aspectos destacados é o potencial deste modelo para ampliar o acesso ao financiamento, particularmente para o sector empresarial. Ahmed considera que a integração das finanças islâmicas no mercado moçambicano poderá criar novas oportunidades para o financiamento de empresas, incluindo pequenas e médias empresas.

“Esta plataforma de finanças islâmicas, sendo introduzida no país, acredito que vai trazer desenvolvimento, financiamento e muitas outras vantagens para financiar as grandes, pequenas e médias empresas moçambicanas”, disse.

DIVERSIFICAÇÃO DAS FONTES DE CAPITAL

A discussão em torno das



finanças islâmicas ganha relevância num contexto em que as empresas procuram diferentes mecanismos para financiar investimentos, expandir operações e aumentar a sua capacidade produtiva.

Além da dimensão financeira, Ahmed considera que a obra poderá desempenhar um papel importante

na divulgação do conceito junto do público, independentemente da sua religião. Segundo o interveniente, o livro apresenta informação que pode ajudar tanto muçulmanos como não muçulmanos a compreenderem os fundamentos desta modalidade de financiamento.

“Qualquer pessoa que tenha

uma dúvida sobre o que são as finanças islâmicas pode encontrar no livro uma resposta para aquilo que pretende saber”, explicou.

O lançamento da obra coloca, assim, as finanças islâmicas no centro de um novo debate sobre alternativas de financiamento em Moçambique, sobretudo no que diz

respeito à capacidade de mobilizar recursos para o sector empresarial e apoiar o crescimento económico.

A intervenção de Zeinul Ahmed aconteceu em Maputo, por ocasião da apresentação da obra *Introdução às Finanças Islâmicas*, de Janfar Abdulai.